

O primeiro escritor de sua vida você não esquece. É como o primeiro autógrafo.

Desconfio que, ao chegar a esta Casa, povoada de mentes iluminadas, experimento uma emoção que já senti.

Uma combinação de terror e êxtase.

Acolhido por mulheres e homens das letras e da cultura, por obra e graça de sua generosidade, que não me canso de agradecer, revivo o dia em que conheci um escritor, como vocês. De carne, osso, paletó e colete.

Ele viera do Rio de Janeiro.

Morava no Meier, vizinho de Nelson Rodrigues.

Nascera, porém, na cidade de Paraíba do Sul, em 15 de outubro de 1888. Filho de imigrantes italianos, Pasquale Grieco e Rosa Maria Coviello. Camponeses "afeitos ao trato da terra e não dos impressos". Naturais da Basilicata, antiga Lucânia, no sul da Itália, conterrâneos de Agostino, avô do poderoso chefão do cinema americano Francis Ford Coppola, que ali mantém o sofisticado hotel Palazzo Margherita.

No salão do seminário, um homem de cabelos brancos, à escovinha. Nem alto, nem baixo. Talvez, mais para baixo. Atarracado. Terno escuro, chapéu preto sobre a mesa. Se usasse batina vermelha, passaria por bispo, quem sabe cardeal. Com a mesma cara e o narigão dos padres italianos nossos professores.

Segurava uma Kalashnikov na boca, a terrível metralhadora russa AK 47.

Era Agrippino Grieco.

Nos meus treze anos, menino pobre das Três Bicas, em Barão de Cocais; filho do metalúrgico e presidente da Banda de Música Santa Cecília, Raimundo Vital, e de dona Lulu; “um pobre coitado que aos 12 anos, passa de uma casa miserável para o seminário”, como o jovem padre do francês exilado na Fazenda Cruz das Almas, em Barbacena, George Bernanos, em “Diário de um pároco de aldeia”, tradução do acadêmico Edgar de Godói da Mata Machado, titular da cadeira de número 39; Pé de Pomba, sucumbi embriagado pela graça de escutar um escritor, autor de mais de 20 livros. Dono de uma biblioteca de 30 mil livros, vendida, após sua morte em 1973, à Universidade de Brasília.

Eis ali, o maior crítico literário do Brasil.

Maculado de amor e ódio por Machado de Assis, “o portador do mais famoso pince-nez brasileiro”, que o crítico carioca incluía entre os quatro maiores da literatura brasileira, na companhia de José de Alencar, Castro Alves e Euclides da Cunha.

Mas acusava-o de plagiário de clássicos franceses, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e em “Dom Casmurro”.

Eu, mumificado.

“Meu corpo fechado por esta pele negra”, no poema “A cor da pele” do poeta de Santo Antônio do Itambé, meu amigo, meu irmão Adão Ventura Ferreira Reis, a quem reverencio, em coro com o confrade Silviano Santiago.

Perturbado com a coragem daquele demônio na caricatura de Nássara, no inferno, com rabo arrebitado, tridente na mão, livros voando no fogo.

Grieco não escondia sua preferência por Lima Barreto. Considerava-o mais original que Machado de Assis.

Embora declarasse sua “afeição” por Lima Barreto, confrontava-o, sem pudor, com Graça Aranha, um fidalgo,

“que crescera ao lado de Nabuco”, um homem “afável, polido, delicado”.

José Pereira da Graça Aranha, que Afrânio Peixoto retratou como “magistrado, romancista, ensaísta, escritor brilhante, às vezes confuso”, foi “o único dos fundadores da Academia Brasileira de Letras a nela entrar sem nenhum livro publicado, contrariando o estatuto”. É o que informa o site da ABL.

Já para Lima Barreto, que acusou de destratar os autores estrepentes, Grieco reservou o fogo de sua língua: “mulato, sujo, mal amanhado, atrevido, ríspido, malcriado, sem qualquer humildade”.

Na minha adolescência, examinando aquela figura, que imaginei um *combo* de Mussolini e Papa João 23, usei achá-lo terrivelmente velho. Um velhinho atrevido, mas encantador.

Percebo hoje, terrificado, que o escritor Agrippino Grieco, no início da década de 1960, era então mais novo que eu, aqui diante de vocês.

Desse velhinho, que em 1939 em viagem a Belo Horizonte foi desviado até Pedro Leopoldo para conhecer a psicografia de Chico Xavier, recolho uma declaração apropriada para o momento.

Em resposta a quem o acusava de grosseiro, da laia de Lima Barreto, implacável nas críticas literárias, Agrippino Grieco diz, em entrevistas a Homero Senna, publicadas em meados dos anos 1940, e reproduzidas no livro “República das Letras”, Civilização Brasileira, 1996”:

“A propósito, é preciso acabar com esta lenda de que eu também, na literatura brasileira, só tenho feito destruir. Se ataquei os manipulados, os falsos ídolos, não regateei elogios a quem de fato os merecia. E aí estão meus estudos sobre Raul de Leoni, Alphonsus de Guimaraens, Gilberto Freire, o próprio Lima Barreto, para provar o que digo”.

De turíbulo à mão, incensa o patrono da Academia Mineira de Letras:

"Fui dos primeiros a chamar a atenção do público para essa gente, hoje tão cortejada pela crítica. A respeito de Alphonsus de Guimaraens, por exemplo, lembro-me que Medeiros e Albuquerque, encontrando-se comigo logo depois da publicação de um dos meus artigos sobre o admirável lírico de Mariana, confessou admirado: "Então o homem é de fato um grande poeta! E eu que pensei tratar-se apenas de um carola, de um esquisitão ...".

Anos após o contato com o primeiro escritor da minha vida, descobri, com temor e algum deslumbramento, que esse foga do velho "Diário de Minas", ingressara em um clube de escritores.

Achei-me entre os escritores apressados. Esses "condenados a escrever para o dia", na expressão do condenado Humberto Werneck, nosso confrade.

Em competição com a velocidade olímpica dos fatos e o ritmo desaforado das rotativas na oficina.

Gente conformada com a certeza de que a pressa é inimiga da perfeição. Mas, necessária. A notícia tem prazo de validade.

Habitados com a transitoriedade de seus escritos, mesmo os mais combativos contra a injustiça, a violência e a corrupção, logo transformados em papel de embrulho: lidam com o "giornale", de "giorno", dia em italiano.

Por isso, o jornalista compreende o lado efêmero da condição humana, do poder e da glória.

Tudo passageiro. A vida curta embrulhada em dor, paixão, fracassos, alguma alegria e a fragilidade do amor.

Obstinados em registrar o diário, formam uma grei que segue à risca a recomendação do escritor, historiador e general romano Caio Plínio Segundo, Plínio, o Velho:

“Nulla dies sine linea”.

Na verdade, a frase latina, atribuída a Plínio, o Velho, testemunha ocular da destruição de Pompéia pelo vulcão Vesúvio, é inspirada no pintor grego Apeles de Cós, que viveu no século IV antes de Cristo.

Sua obra pode nos ser dada a conhecer pelo confrade Jacyntho Lins Brandão, das maiores autoridades em literatura e cultura da Grécia antiga.

No enalço da perfeição, o grego Apeles de Cós não deixava passar um dia sem traçar uma linha.

Os jornalistas, também não. Nenhum dia sem uma linha, na Remington, em que o ranzinza Agrippino Grieco escrevia com um dedo só.

O fundador da cadeira de número 10, o poeta, escritor, violonista e professor de Latim, Francisco Brant Horta, nascido em Juiz de Fora, certamente aprovou o lema estampado no estandarte da nossa Academia:

“Scribendi nullus finis”.

Nunca falta o que escrever.

Brant Horta era jornalista. Entendia do riscado.

Seu primeiro sucessor João Etienne Arreguy Filho, de Caratinga, também sabia de jornalismo.

Trabalhou no “Diário Católico”, fundado pelo primeiro arcebispo de Belo Horizonte, Dom Antônio Cabral.

Formado em Direito pela UFMG, foi professor, poeta, tradutor, homem de teatro e técnico de basquete.

Lembro-me de João Etienne, ator, no teatro da Imprensa Oficial. Tinha um vozeirão maior que sua estatura. Estrelou a vídeo-peça "O estripador da rua G", do jornalista Robert Francis Drummond, xará do procurador geral americano Robert Francis Kennedy, inimigo da Máfia. Roberto, de "Hilda Furacão", "Sangue de Coca-Cola e "A morte de DJ em Paris".

Fábio Proença Doyle, meu antecessor na cadeira 10, nasceu em Belo Horizonte em 1928, no dia 14 de julho, dia Mundial da Liberdade de Pensamento. Filho de Ernani Doyle Silva e de Maria Hortência Proença Doyle.

Casado com Rachel Silva Proença Doyle, deixou os filhos Tânia, Fábio Márcio e Marília, cinco netos e sete bisnetos. Fábio Márcio acompanhou o pai no jornalismo.

Apesar de sua formação jurídica, advogado pela UFMG, procurador concursado da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, professor de Teoria Geral do Estado na UNI-BH, Fábio Doyle foi, acima de tudo, um jornalista.

Do dia 1º de junho de 1948, quando foi admitido como repórter-auxiliar do "Estado de Minas", aos 20 anos de idade. Até o dia de sua morte, em 19 de abril de 2021, quando saiu publicado no "Estado de Minas" seu artigo derradeiro, sua última coluna semanal.

Em 1961, foi nomeado redator-chefe do "Diário da Tarde" e, ao longo dos anos, promovido a diretor de redação e editor-geral, cargo que ocupou, com inteligência e profissionalismo, por mais de 40 anos.

"Minas perde um dos maiores jornalistas que já tivemos. Um crítico forte, mordaz", escreveu o diretor-presidente dos Diários Associados, Álvaro Teixeira da Costa, no epitáfio de Doyle.

E contrapondo-se à frase célebre de Millor Fernandes – "Jornalismo é oposição. O resto é armazém de secos e

molhados” - Teixeira da Costa ressalvou: Doyle “sabia reconhecer os acertos dos governantes”.

“Foi um baluarte na defesa da democracia em nosso país” – disse o comentarista político do “Diário da Tarde” Fagundes Murta, em seu blog.

O ex-secretário de Cultura de Minas e ex-presidente do nosso Sindicato, Washington Mello, repórter no DT, declarou:

"Fábio Doyle, jornalista exemplar, acadêmico imortal e admirado, amigo dos amigos, incentivador de jovens talentos do jornalismo, chefe-companheiro e apaixonado pelas causas jurídicas, tinha um lema que ostentava com orgulho: "nunca menti, em toda, a minha vida".

Compartilhei de sua mesa na Savassi, junto com o coronel Jonas Cruz, em um desses momentos de amizade. Fábio Doyle escapara da redação para rever um amigo, o jornalista Jader de Oliveira, que vivia em Londres, e por 30 anos trabalhou na secção brasileira da Rádio BBC britânica.

Como puderam ver, a cadeira de número 10 tem sido uma sesmaria de jornalistas, sem o sinete de capitania hereditária.

Mesmo seu patrono, o inconfidente Cláudio Manoel da Costa, advogado, minerador, dono de fazendas, secretário do Governo na Província e poeta do arcadismo brasileiro, mesmo ele, aventureiro dizer, praticou o jornalismo.

Estudiosos da Arcádia Ultramarina, fundada por Cláudio Manoel da Costa, consideram o poema “Vila Rica” uma narrativa épica em verso sobre a formação de Ouro Preto.

Digamos, uma reportagem sobre o nascimento sanguinolento de Minas Gerais, a Capitania das Minas do Ouro, cobiçada por paulistas e emboabas. A capitania de igrejas santas erguidas pelo ouro, sem o sentimento de culpa, com o sangue e a alma dos seres humanos

escravizados. Suas torres, alvos da visitação turística, são dedos em riste, testemunhas de acusa o e, como os portões de Auschwitz e de Soweto, bradam aos céus e clamam a Deus justiça.

Abro parênteses.

Se vocês concordarem, poderíamos afirmar que Roma se antecipou em 162 anos   "peregrina o penitencial" que Papa Francisco realizou ao Canadá em fins do mês de julho, para pedir perdão pelos crimes de "genocídio cultural" contra milhares de crianças indígenas abusadas em internatos católicos no século 19.

No Brasil, a nomea o de Dom Silvério Gomes Pimenta a bispo auxiliar de Mariana em 1890, foi um pedido de perdão da Igreja Católica pelo crime de "genocídio negro", perpetrado, às suas barbas, ao longo de 300 anos. Dom Silvério, porém, não foi o primeiro bispo negro das Américas: foi o segundo.

O primeiro bispo afrodescendente, mas com cara de branco, filho de um imigrante irlandês com uma escrava filha de negra estuprada, foi Dom James Augustine Healy. Ele foi nomeado em 1875 para a diocese de Portland, no Oregon, nos Estados Unidos, pelo Papa Pio IX. Ou seja, 15 anos antes de Dom Silvério ser feito bispo pelo Papa Leão XIII.

A propósito, na segunda-feira, dia 29, por iniciativa luminosa do presidente Rogério Faria Tavares, a Academia Mineira de Letras homenagear  o grande arcebispo de Mariana, Dom Silvério, no centenário de sua morte em 30 de agosto de 1922.

Voltando à vaca fria.

A narrativa histórica, vera mosca azul, picou alguns dos mais brilhantes jornalistas mineiros, autores de obras sedutoras. O livro representa a fuga do que caduca em horas, a persegui o ao mais duradouro, atemporal, eterno

como os escritos de Plínio, o Velho, a mágica de Apeles de Cós, o sonho de Ícaro.

José Maria Rabelo, que editou o “Binômio”, de 1952 a 1964 até o seu empastelamento por um comando militar, publicou “História Geral de Minas” e “Belo Horizonte – do arraial a metrópole, 300 anos de história”.

Mauro Werkema, ex-editor geral do “Estado de Minas”, dono de uma cobiçada biblioteca mineiriana, lançou uma série de obras sobre a história, a arte e a cultura mineiras, com destaque para “História, arte e sonho na formação de Minas Gerais”; “História e Formação de Minas Gerais em 300 anos da Capitania” – origens e trajetória”; “Ouro Preto na história, protagonismos, paradigmas, revisões”.

Mário Lara Leite saiu de Baependi para nos surpreender com bons trabalhos de pesquisa histórica. “Nos confins do Sertão da Farinha Podre” foi o primeiro. Em “Uma fazenda chamada Mendanha” fuçou os primórdios do povoamento da Comarca do Rio das Mortes.

Francisco Brant, ex-“Jornal da Tarde”, acaba de dar à luz mais uma magnífica contribuição de seu talento. “Tiradentes; cidade singular e romântica”, com fotografias de Miguel Aun e a participação de Olinto R. dos Santos Filho, especialista em patrimônio histórico e artístico nacional. Anteriormente, Chico Brant presenteou os leitores com “São João Del Rei – ouro, guerra e fé no Rio das Mortes”.

Aparentados com o olhar clínico e a alma controversa de Gay Talese, nossos jornalistas expandiram-se para outros gêneros da literatura.

Do lado esquerdo do peito, sob sete chaves, em “Canção da América”, guardo a saudade de Fernando Brant, da América do Sul, a caminho do Parque de Ibitipoca para uma reportagem. Ninguém esquece seus poemas para canções de Milton Nascimento, mineiro do Rio de Janeiro. “Maria, Maria”, “Escravos de Jó”. Em “Paisagem da janela”, do

quarto de dormir, “vejo uma igreja e um sinal de glória”. Fernando Brant chuta para longe o complexo de solidão do mineiro, cantando em “Para Lennon & McCartney”, “sou do mundo, sou Minas Gerais”.

Clara Arreguy trabalhou no “Estado de Minas” aqui e no “Correio Braziliense”, em Brasília. Lá publicou o romance “Segunda Divisão” e “Fafich”, a história da agitada Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da UFMG, no bairro Santo Antônio, onde estudei com Guilherme Jorge Rezende, de São Vicente de Minas, doutor em Telejornalismo, professor aposentado da Universidade Federal de São João del Rei, especialista em Otto Lara Resende.

Eita, faficheiros! Vou citar quatro, frequentadores do Maria Joana, o melhor botequim da América do Sul, do nosso Amílcar Martins, o Moço.

Alberto Villas, vencedor do Concurso de Contos do Paraná aos 20 anos de idade; apanhador de uva e de oliva no Líbano antes da guerra civil; ex-editor-chefe do Fantástico na TV Globo; editor do newsletter “O Sol”, autor de livros com pontos de interrogação, “Afinal, o que viemos fazer em Paris?” e “Onde foi parar nosso tempo?” E do livro, com ponto de exclamação, “O mundo acabou!”.

Luiz Fernando Emediato, de Belo Vale, autor de “Não passarás o Jordão” e “Trevas no paraíso”, sobre o terror da ditadura. E os infanto-juvenis “O outro lado do paraíso” e “Eu vi mamãe nascer”.

Hiram Firmino, de Caxambu, chamou a atenção do Brasil para o suplício dos doentes mentais em “Nos porões da loucura”. Com a fotógrafa Jane Faria, Hiram denunciou o campo de concentração de Barbacena. Em toda lua cheia, solta a “Revista Ecológico”, em memória do ambientalista Hugo Werneck.

Itamar José de Oliveira, de Bom Despacho para a Sorbonne,

doutor em sociologia da informação, autor de “Francisco Campos, a inteligência no poder”, lançou nesta Casa, neste mês, o primeiro volume da trilogia, saga dos políticos do Oeste de Minas: “Hélio Carvalho Garcia, a arte mineira de fazer política”. Os próximos biografados serão Olegário Maciel e Benedito Valadares.

Leila Ferreira, de Araxá, encanta o público ouvinte de suas palestras e leitor de seus livros, dentre eles, “A arte de ser leve”, “Viver não dói” e “Que ninguém nos ouça”.

Nirlando Beirão. Ah, vejam o que a jornalista Nereide Beirão disse do irmão:

“Nirlando é um espelho do que todos nós gostaríamos de ser. E isso tem a ver com um jornalismo sonhado. Aquele que transforma. Nirlando foi a quebra de paradigma, de que um jornalista, para ser brilhante, tem que ter um gênio difícil, ser prepotente, ou dono da verdade. Nirlando foi genialmente o oposto de tudo isso”.

Vitimado pela esclerose lateral amiotrófica que, aos poucos, foi travando seus dedos no teclado, Nirlando Beirão, o texto mais genial da imprensa brasileira, ainda encontrou forças para escrever “Meus começos e meu fim”. A notícia de sua agonia. Nela, repórter, até o fim, revelou um segredo familiar: a história de amor do avô, o padre Antônio Beirão, que veio de Portugal e aqui se apaixonou por Esméria, uma mulher mineira.

O desembargador Gutemberg da Mota e Silva investiga, como se ainda fosse repórter do Jornal do Brasil em BH, facetas secretas de nossos autores. Publicou na revista da Amagis, editada pelo competente jornalista Manoel Marcos Guimarães, de São Lourenço: “Drummond e a irrealizada viagem aos seios de Duília”; “O jantar que reuniu três poetas em Pouso Alto há 83 anos: Drummond, Bandeira e Ribeiro Couto”; “Os cinco coautores de um conto de Guimarães Rosa: Mechêu”.

O Rosa também é especialidade de Ariosto da Silveira, de Oliveira. De texto apurado, publicou "O Baixo-sertão de Guimarães Rosa". Usou da experiência de cronista político para narrar os confrontos da UDN e do PSD em "Corta-goela e Picapau". Em "De repórter a Nobel: Gabriel Garcia Márquez", conta a aventura do colombiano, padroeiro do jornalismo literário.

Lucas Figueiredo trocou as montanhas de Minas por uma aldeia na Suíça, mas mantém-se campeão em premiações, o Prêmio Esso e o Jabuti, praticando o jornalismo investigativo. Seja sobre fatos recentes, "Morcego Negro", "O operador". Seja do passado, "O Tiradentes: uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier".

Da linhagem de Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Rubem Braga, Lindolfo Paoliello mexe com nossas emoções em crônicas de lirismo e bom humor. Como atestam "Almas dos anjos", lançado recentemente, e os livros anteriores "A rebelião das mal-amadas", "Nosso alegre gurufim", "O país das gambiarras" e "Banquete dos mendigos".

Regis Gonçalves, de Santa Bárbara e do jornal "O Tempo", garimpou, no chão de Santa Luzia e dos quintais de Sabará, um título adequado para a heroína de seu último livro: "Lúcia Machado de Almeida – uma vida quase perfeita". Trata-se de uma preciosidade para o conhecimento da vida cultural mineira na metade do século passado, em que se moviam personagens fascinantes, capitaneadas pelo pintor Alberto da Veiga Guignard.

João Paulo Cunha é pastor da prosa perfeita, latifundiário do pensamento e da cultura. Respeitado. Dele, editor do caderno Cultura do "Estado de Minas", pesquei essa verdade: "Não há melhor jornalismo do que aquele que deixa o poder se roendo por dentro". Em sua nova coletânea de ensaios, titulada "Em busca do tempo presente", João Paulo Cunha, filho de meu diretor no "Diário de Minas", o Lauzinho, recomenda: "Duvidar é sempre um bom método. Quem duvida, pensa".

Lourenço Dantas Mota carregou de Aiuruoca para BH, Paris e depois para São Paulo a inquietação e a luminosidade da família, encabeçada pelo seu patriarca, o poeta Dantas Mota, autor de clássicos, como "Elegias do País das Gerais" e "Primeira Epístola de Jm. Jzé da Sva. Xer. – O Tiradentes – aos Ladrões Ricos".

Lourenço, um intelectual de primeira, deixou-se contaminar pela verve paterna e, por longos anos, deu tratos a ela, elaborando os editoriais do jornal "O Estado de S. Paulo", de contundente beleza. Publicou "André Malraux no caminho das tentações", "Tristão de Athayde", "A história vivida" e "Introdução ao Brasil: um banquete no trópico".

Carmo Chagas, de Inhapim, autor de "Política, a arte de Minas", trabalhou no "Diário de Minas" e na revista "Alterosa" antes de se mudar para São Paulo, onde fez carreira. Integrou equipes, recheadas de mineiros, que criaram o Jornal da Tarde, da família Mesquita, e a revista Veja. Em "Vesgo", Carmo narra a história de um cão que fugiu de São Paulo para uma fazenda em Minas Gerais, à procura de sua dona.

Contador de histórias, Carlos Herculano Lopes traz para seus livros a imaginação e o realismo do berço, em Coluna, no Vale do Rio Doce. Vem de uma cidade rodeada por municípios de nomes bentos: São Pedro do Suaçuí, Frei Lagonegro, São Sebastião do Maranhão, São João Evangelista e São José do Jacuri, terra do saudoso jornalista Jadir Barroso.

Romancista em "A dança dos cabelos", "Sombras de julho", "O último conhaque" e "O vestido", Herculano criou contos, como "O sol nas paredes", "Memórias da sede" e "Coração aos pulos". Reuniu crônicas em "A ostra e o bode".

Infeliz seria por toda a vida, se me esquecesse de Wander Piroli. Ele foi um dos mais requintados escritores mineiros. Mestre do conto. Do título, que dispensa *lide* e *sub-lide*.

Cito “Os rios morrem de sede”, “A mãe e o filho da mãe”, “O menino e o pinto do menino” e “Minha bela putana”.

Pirolí foi um intelectual refinado que tentava despistar sua grandeza, metido na redação do jornal “Estado de Minas” ou, camisa aberta no peito, em algum botequim da Lagoinha, onde nasceu em 1931.

Petrônio Souza Gonçalves irrompe em cena com a poesia de “Braço de rio, pedaço de mar”, “Um facho de sol como cachecol”, parceiro do músico e compositor Toninho Horta. “Poeta, luminoso poeta” – escreveu Sebastião Nery. “Os trilhos que levam ao poeta Petrônio estão nas palmas das mãos dos seres humanos que sofrem” – disse o compositor Aldir Blanc. Tostão, campeão do mundo e cronista, falou: “Assim como os belos lances e gols eternizam e embelezam o futebol, a poesia, como a de Petrônio, engrandece a literatura e impulsiona a vida”.

“Minas volta a dar ao Brasil um poeta nacional”, disse dele o jornalista e escritor Aristóteles Drummond, autor de “O homem mais lúcido do Brasil” sobre o ex-ministro Roberto Campos.

Aristóteles nasceu no Rio de Janeiro, mas ganhou certidão de nascença mineira pela descendência dos seus maiores. O bisavô, o poeta e governador de Minas Augusto de Lima, nasceu em Congonhas de Sabará, hoje Nova Lima, foi aluno de Dom Silvério Gomes Pimenta no seminário de Mariana; membro da ABL. O avô, o historiador Augusto de Lima Júnior, injetou-lhe com o sangue a paixão por Minas.

Apesar de aproximar-se o fim do meu horário eleitoral, cortaria meu dedo mindinho se não mencionasse Frei Betto, de BH, em “Batismo de Sangue”, “Fidel e a Religião”.

Fernando Gabeira, de Juiz de Fora, renovador do Diário de Minas, autor de “O que é isso, companheiro”.

Caratinga, e sua trindade gloriosa: Ziraldo, Ruy Castro e Miriam Leitão.

Miriam Azevedo de Almeida Leitão trata, há 30 anos, de economia no rádio, na TV e no jornal, do grupo Globo, e em seus premiados livros, como "Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda". Em "Convém sonhar", diz: "Haverá um país, talvez a Suíça, onde falte tema a um colunista. Mas esse país, definitivamente, não é o Brasil".

Ruy Castro consagrou-se como biógrafo de Nelson Rodrigues, em "O anjo pornográfico"; de Mané Garrincha, em "Estrela Solitária"; e de Carmen Miranda.

Ziraldo dispensa falação. "O menino maluquinho" destaca-se como grande campeão de leitura. Cartunista, fundador de "O Pasquim", criador da Turma do Pererê.

Zuenir Ventura, de Além Paraíba, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de "1968 – o ano que não terminou" e "Cidade partida".

Fernando Morais, de Mariana, vencedor de muitos prêmios, com "A Ilha", "Olga", "Corações sujos" e "Chatô, o rei do Brasil".

Luiz Nassif, de Poços de Caldas, biógrafo de seu conterrâneo, "Walther Moreira Salles – o banqueiro embaixador e a construção do Brasil".

Preciso parar.

Nem falei ainda em José Eduardo Gonçalves, autor de "Cartas do Paraíso" e "Vertigem". Editor da coleção "BH. A cidade de cada um", acaba de lançar mais um volume, sobre o Barro Preto, escrito por Chico Brant.

Nem de Afonso Borges, de BH, contista de "Olhos de carvão" e poeta em "Bandeiras no varal". O maior divulgador da literatura brasileira, no "Sempre um Papo", 36 anos no ar.

Faltam três nomes nesta lista, todos ex-seminaristas: Alcindo Ribeiro, de Oliveira, ex-aluno salesiano, autor de "Edição Extra" sobre o Diário de Minas, e do romance policial "A ficção da verdade" sobre o caso Aziz Abras.

Lélio Fabiano, criador da Faculdade de Comunicação da PUCMINAS, autor do romance confessional "O silêncio do Rio Comprido", o seminário carioca onde ele e Carlos Heitor Cony estudaram.

E José Maria Mayrink, de Jequeri, ex-aluno de Mariana e do Caraça, autor de "Vida de repórter", o primeiro jornalista a chegar à Alameda Casa Branca, onde Carlos Marighella acabara de ser fuzilado. Escreveu ainda "Solidão", "Filhos do Divórcio", "Anjos de Barro" e "Mordaca no Estadão" sobre a censura no jornal dos Mesquita.

Sinto um tridente me cutucando. É Agrippino Grieco lembrando que ele e Monteiro Lobato só aceitariam entrar para a Academia se dispensados do discurso.

Fica claro que a cadeira de número 10, mais do que a mim, cabe à imprensa, que, genuflexo, saúdo e homenageio na memória de Dídimo Paiva, do Estado de Minas; Parajara dos Santos e Mauro Santayanna, do Diário do Rio Doce; Atanagildo Cortes, do Correio de Araxá; Alécio Cunha Damasceno, de O Tempo; José Costa, do Diário do Comércio e Murilo Rubião, do Suplemento Literário de Minas Gerais. A 10 é território livre dos jornalistas mineiros.

Vários já se encontram na Casa, por méritos incontestáveis, como Danilo Gomes, Angelo Oswaldo, Rui Mourão, Pedro Rogério Moreira, Manoel Hygino dos Santos, Humberto Werneck e nosso presidente Rogério Faria Tavares.

Quanto a mim, agradecido também ao filho do presidente eterno Vivaldi Moreira, José Maria, que no passado me estimulou a aqui vir, eu recorro ao Latim do seminário e tão apreciado na Casa, para responder à confiança dos senhores acadêmicos, que me elegeram.

Ecce ego, quia vocasti me.

Vocês me chamaram, aqui estou.

Muito obrigado.